

Infância negra e índia nos registros de batismo em Manaus (1814-1834)

Autor: Ivanelison Melo de Souza¹, Orientador: Ygor Olinto Rocha Cavalcante².

1. Estudante de Manutenção e Suporte em Informática, no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Amazonas – Campus Coari - IFAM;

[*ivanelisonmelodesouza@gmail.com](mailto:ivanelisonmelodesouza@gmail.com)

2. Mestre em História Social da Amazônia (PPGH/UFAM), discente do curso de Especialização em Psicologia Clínica e Psicanálise (PPG/UNIARA); Chefe de Departamento de Ensino, Pesquisa e Extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – Campus Coari; ygor.cavalcante@ifam.edu.br

Palavras Chave: *infância negra e índia, registros de batismo, redes de compadrio.*

Introdução

A presente comunicação tem como objetivo apresentar os registros de batismos de crianças negras e índias, nos anos de 1814 a 1834, como uma fonte que possibilita a identificação de vestígios dos processos educativos e de elementos cotidiano privado das crianças negras e índias nascidas na Manaus oitocentista.

Os escravos da Manaus do século XIX utilizaram o batismo como ferramenta contra a escravidão, eles criaram a redes de apadrinhamentos. O sistema de compadrio é uma das formas que as famílias escravas acharam para que seus filhos pudessem transitar entre o mundo livre e o escravo.

Os livros de batismos também revelam a presença de diferentes etnias na cidade de Manaus naquela época. Algumas dessas etnias viviam em rios muito distantes da cidade de Manaus, colocando em questão situações de migrações forçada e escravização ilegal.

Resultados e Discussão

O livro de batismo da cúria metropolitana de Manaus permite aprofundar discussões teóricas já abordadas na historiografia sobre o sistema de compadrio, revelando as estratégias utilizadas pelos escravizados para sair da escravidão.

O registro de batismo revela algumas crianças escravas que foram batizadas como adultas aos oito anos de idade, mostrando que a pia batismal era algo importante para definir o que a criança iria ser.

Esses dados indicam noções diferentes para a infância no século XIX, pois muitos batizados, ao completarem sete anos de idade, eram registradas como adultas, isto é, habilitadas para a vida religiosa, bem como para as responsabilidades do mundo do trabalho. Dessa forma, a pia batismal era um espaço simbólico importante para definir como a criança escrava e índia viveria na sociedade.

Nesse sentido, as crianças negras e índias (de diferentes etnias: como os Muras, Baniwas, Pixunas, Guaupés, Jurunas, catuquinas, Macus e Miranhas) que tinham padrinhos livres estavam mais protegidas de situações de preconceito e de discriminação, assegurando, assim, melhor convivência na sociedade, pois, sendo os padrinhos envolvidos em redes de poderes, seus afilhados estavam inseridos em poderosas redes de colaboração e proteção. Por outro lado, a situação das crianças negras e índias batizadas sejam por pessoas livres pobres, seja por pessoas escravizadas certamente enfrentavam situações de maior vulnerabilidade social, isto é, essas crianças

viveriam uma liberdade precária, ou seja, elas podiam ser vendidas e sequestradas.

Tabela 1. Padrinhos livres e escravos.

Crianças	Padrinhos livres	Padrinhos escravos	Madrinhas livres	Madrinhas escravas
Escravas	99%	1%	95%	5%
Índias	94%	6%	80%	20%

Conclusões

Portanto, as relações sócio-parentais dos envolvidos a partir da celebração do batismo, davam condições de solidificar convivências mais íntimas entre todos os segmentos sociais, por isso era aspirado por diversos indivíduos, com os dados que os vigários anotaram, hoje é possível ver como essas pessoas eram nessa época e estudar melhor sobre a infância das crianças negras e índias da Manaus oitocentista.

Agradecimentos

Agradeço ao meu professor Ygor Olinto, que me ajudou nessa pesquisa, e a minha amiga Thaíza Colares, que me auxiliou com conselhos do que deveria fazer e aos meus pais, que me motivam nos meus estudos e nunca desistem de mim.

SAMPAIO, Patrícia Melo. **Rastros da memória: história e trajetórias das populações indígenas na Amazônia.** Manaus: EDUA, 2006.

MATTOS, Hebe. **Guerra Preta: cultura políticas e hierarquias sociais no mundo atlântico.** In. João Fragoso e Maria de Fátima Gouvêa (org.). **Na trama das redes: política e negócios no império português, século XVI-XVIII.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ANDRADE, Vitória Fernanda Schettini. **Batismo e apadrinhamento de filhos de mães escravas. São Paulo do Muriaé, (1852-1888).** / Dissertação de Mestrado-Universidade Severino Sombra, Vassouras: USS, 2006.

PORTELA, Daniele Fagundes. **Registros de batismo da Paroquia Nossa Senhora Penha de Franca uma fonte para o estudo do cotidiano privado das crianças negras livres na província de São Paulo (1871-1888). Desafios e possibilidades.** Faculdade de Educação da USP, São Paulo, 2013.